

ASTROLOGIA: DA REJEIÇÃO PATRÍSTICA À APOLOGÉTICA MEDIEVAL

J. M. DA CRUZ PONTES
Universidade de Coimbra

A concepção cosmológica clássica, assim como a filosofia, forneciam uma estrutura científica e um fundamento que permitiam estabelecer relações causais entre o mundo superior e o mundo inferior, ou seja, entre os corpos celestes e o mundo sublunar. A astrologia pretende apresentar-se como ciência que procura estudar e conhecer a influência dos astros sobre a vida terrestre e sobre os próprios homens. Especialmente, propõe-se prever o futuro, pois crê que certos acontecimentos dependem da posição dos astros no momento em que ocorrem.

A astrologia surge unida à religião, ou seja, à astrolatria, culto ou “adoração dos astros”. É da astrolatria que resulta, como consequência directa e necessária, a astrologia. Esta poderia afirmar e defender a acção dos astros sobre o mundo, sem todavia os divinizar. Mas a verdade é que, historicamente, a astrologia surgiu da astrolatria e derivou dela, constituindo-se como um elemento do astralismo. Implícita no astralismo e, mais ainda, na astrologia, está a perspectiva – característica da filosofia estóica – de que existe uma semelhança e uma recíproca simpatia entre o homem e o universo. O homem é um *microcosmo*, que, de certo modo, faz parte do universo, o *macrocosmo*.

Nasceu ligada à religião e as suas origens situam-se na Babilónia, a partir dos séculos VI e V antes de Cristo. Da Babilónia passou para a Grécia, cerca do século IV antes de Cristo. Com os Gregos, a astrologia constitui-se como ciência, com um suporte filosófico na unidade cósmica formada por quatro elementos (água, terra, ar e fogo), a que se junta um quinto elemento, o éter, em permanente troca de acções e reacções entre si.

Fica unida a uma série de ciências ocultas, que terão aceitação até ao

Renascimento, tais como a alquimia, a medicina astrológica, a magia. Os Gregos introduziram a astrologia no Egito. Na Escola de Alexandria, os seus progressos acompanharam os da matemática e, assim, aquela como que obteve um estatuto e dignidade de ciência.

Entre os Romanos, tinha aparecido por ocasião das guerras púnicas, trazida pelos escravos orientais, gregos na maior parte.

Em Roma, a astrologia teve antagonistas, mas encontrou também defensores, entre os quais está o Séneca das *Quaestiones naturales*.

Por outro lado, entre os cristãos, será combatida e considerada uma arte diabólica. Segundo Pierre Duhem, a obra apologética dos Padres da Igreja conduzia-os necessariamente a ocuparem-se da Física e da Astronomia. Era-lhes necessário preparar os fiéis para se não escandalizarem ao compararem a descrição da criação do mundo, no relato do *Génesis*, com aquilo que os pagãos afirmavam sobre a natureza dos céus e dos elementos. Para conciliação entre as doutrinas puramente humanas e a revelação divina surgiram os comentários sobre os seis dias do texto bíblico¹.

O primeiro comentário da Patrística grega sobre o *Génesis* é de Orígenes. Sobre o tema escreveram S. Basílio e S. Gregório de Nissa. Na Patrística latina, Santo Ambrósio fez homilias acerca dos dias da criação. Muitas vezes parafraseia ou mesmo traduz de S. Basílio, em cuja obra foi estudar a exegese bíblica, quando inesperadamente se viu eleito bispo de Milão. Sabemos quão numerosos foram no período patrístico e, depois, ao longo da Idade Média, os comentários sobre a descrição dos seis dias, intitulados quase todos, com variantes de pouca importância, *Hexaëmeron*.

A ciência dos autores da Escolástica é incomparavelmente superior à da Patrística, a partir do momento em que, no século XII, começam a ser postas em latim as obras dos grandes autores árabes. Guilherme de Auvergne, nascido em Aurillac antes de 1180, e que morreu em Paris em 1249, depois de aí haver ensinado teologia e ter sido bispo, surge-nos como um dos primeiros autores do mundo latino que se deram conta da importância da ciência grega e do saber dos Árabes. O seu *De universo*, constitui, conforme diz Duhem, a transição natural entre os antigos tratados sobre o Universo, compostos por Isidoro de Sevilha, Beda, etc., e os enciclopedistas da segunda metade do século XIII, como Alberto Magno e Vicente de Beauvais².

¹ Cf. PIERRE DUHEM, *Le Système du Monde*, II, Nouveau tirage, Paris, 1954, pp. 393 e segs.

² Cf. P. DUHEM, *Op. cit.*, III, p. 250.

Acerca da influência dos astros nos movimentos do mundo sublunar — excepto sobre o livre arbítrio do homem — o estudo de Th. Litt deixou demonstrado que S. Tomás de Aquino a aceitava³.

O problema que nos interessa é a questão da influência dos astros na vida humana, de tal modo que os acontecimentos da existência de cada um poderiam ser previstos. A Idade Média aceitou que havia uma relação entre os movimentos dos corpos celestes e os acontecimentos da vida terrena. Isto não era, porém, ingénua crença ou superstição, mas uma concepção considerada como científica. A “idade da Fé” — conforme tantas vezes e com razão é denominado o período histórico entre o fim do mundo greco-romano e o Renascimento — logo de início rejeitou o fatalismo astrológico, que restringia a liberdade humana.

Os Padres da Igreja opuseram-se sem hesitação às crenças supersticiosas. Mas, por vezes, eles mesmos, que as combatiam, parecem aceitar que os astros exercem influência sobre a vida humana. Apontemos como exemplo Gregório de Tours, o qual, conforme observa M. L. W. Laistner, no seu tratado astronómico reprovava a astrologia, mas na *Historia Francorum* refere, sem desaprovação, alguns acontecimentos extraordinários relacionados com as estrelas⁴.

A visão cristã da natureza, considerada como criatura colocada por Deus ao serviço dos homens, e o simbolismo que se procurava nas coisas, encaminhavam para a aceitação de que os fenómenos celestes — se não eram causa necessária dos acontecimentos terrenos — podiam ser considerados como um sinal, uma manifestação desses acontecimentos. Textos bíblicos, especialmente do Antigo Testamento, autorizavam e confirmavam essa relação, se não causal — do mundo superior sobre o mundo inferior — ao menos simbólica, que, de certo modo, fazia dos astros uma espécie de linguagem de que Deus podia servir-se para falar aos homens. O próprio Evangelho conta como a visão de uma estrela revelou aos Magos o nascimento de Cristo. Já, por exemplo, S. João Crisóstomo, Santo Agostinho e S. Gregório Magno tinham prevenido os fiéis seus ouvintes contra a interpretação astrológica do episódio evangélico⁵.

³ Th. LITT, *Les Corps célestes dans l'univers de saint Thomas d'Aquin*, “Philosophes Médiévaux”, T. VII, Louvain, 1963.

⁴ M. L. W. LAISTNER, “The Western Church and Astrology during the early middle age”, em *The Harvard Theological Review*, XXXIV (Cambridge, Massachusetts, 1941), pp. 251-275.

⁵ M. Th. D'ALVERNAY, “Astrologues et théologiens au XII^e siècle”, em *Mélanges offerts à M. D. Chenu* (= Bibliothèque Thomiste, XXXVII), J. Vrin, Paris, 1967, pp. 31-50.

Este risco ou perigo de procurar nos textos bíblicos um alicerce para a astrologia, de certo modo havia sido levantado pela interpretação que Filon de Alexandria tinha feito do Génesis, no passo em que se descreve a criação dos astros, no quarto dia, “ut sint in signa et tempora” (*Génesis*, I, 14). Fílon, no *De opificio mundi secundum Mosem*, interpretara estas palavras como favoráveis à astrologia⁶. Perante tal apreço, apoiado no texto bíblico, já S. Basílio Magno tinha posto de sobre-aviso os fiéis na sua sexta homilia do *Hexaëmeron*.

Não é preciso demorarmo-nos com a enumeração dos Padres da Igreja que combateram esta astrologia, depois de S. Basílio. São bem conhecidas as páginas de Santo Agostinho, nas *Confissões*, rejeitando a astrologia em que, ele mesmo, antes, acreditou. No livro V do *De Civitate Dei* teve de demonstrar que não só as vontades dos homens não estão sujeitas a qualquer necessidade, mas também que a grandeza e a decadência dos impérios não dependem das posições das estrelas. A atitude de alguns autores da Patrística e da Escolástica tem sido objecto de estudos particulares⁷.

A crença astrológica vai ter novamente defensores, a partir da tradução para latim da obra de um dos mestres árabes, o *Introductorium maius* de Albumasar. Esta obra foi vertida por duas vezes, a primeira por João de Sevilha, em 1133, e a segunda por Hermann de Caríntia, em 1140. Além do *Introductorium maius*, Albumasar escreveu o *De magnis coniunctionibus*, que também os latinos traduziram do árabe.

No *Introductorium maius* encontra-se a alusão a uma Virgem que traz um menino. No *De magnis coniunctionibus* trata, no primeiro dos oito livros, de todas as conjunções astrais e da sua importância. No segundo livro mostra como os acontecimentos humanos, os impérios e as religiões, dependem daquelas conjunções.

Alano de Lille († 1204), no poema *Anticlaudianus*, manifesta conhecer Albumasar. Citando-lhe o nome ao falar da astrologia, diz:

⁶ Cf. P. DUHEM, *Op. cit.*, II, p. 405.

⁷ Cf. JACQUES FONTAINE, “Isidore de Seville et l’astrologie”, em *Revue des Études Latines*, XXXI (1953), pp. 271-300; M.-Th. D’ALVERNY, “Abélard et Astrologie” em *Pierre le Vénérable et Pierre Abélard*, Paris, 1975, pp. 611-630; Th. O. WEDEL, *The Mediaeval Attitude toward Astrology*, Yale University Press, New Haven – London, 1920.

Illic astra, polos, caelum septemque planetas
 Consulit Albumasar, terrisque reportat eorum
 Consilium, terras armans, firmansque cadauca
 Contra coelestes iras superumque furorem⁸.

Naturalmente, a informação vinha-lhe do *Introductorium maius*.

*
 * *

O nosso objectivo, aqui, não é determo-nos na influência de Albumasar no mundo cristão, a partir do acesso às versões daquelas duas obras, pois isso foi já objecto de investigação⁹. Averiguámos é que o *De magnis coniunctionibus* inspirou uma parte de um poema posto a circular no século XIII como sendo de Ovídio. Trata-se da obra intitulada *De Vetula*, que actualmente se atribui a Richard de Fournival.

O *De Vetula* foi traduzido para francês no século XIV, por Jean Lefèvre. A tradução publicou-se, pela primeira vez, somente em 1861. Mas o poema latino viu-se impresso logo no século XV, em Colónia, no ano de 1479. Recentemente, apareceram, em breve espaço de tempo, duas edições críticas¹⁰.

Bebendo no *Introductorium maius* e no *De magnis coniunctionibus*, Richard de Fournival, escondido sob o nome de Ovídio, profetiza o aparecimento de várias religiões a partir da interpretação de conjunções astrais. E anuncia – visto que fala como referindo-se ao futuro, ao colocar-se no lugar e tempo de Ovídio – que a conjunção de Júpiter com Mercúrio, acontecida no vigésimo quarto ano do reinado do Imperador César Augusto, significava que de ali a seis anos um profeta devia nascer de uma virgem. Isso é representado pelo facto de no signo da Virgem o planeta Mercúrio ter mais poder ou força do que em qualquer outro signo.

A astrologia é utilizada assim no *De Vetula* como que para profetizar o aparecimento da religião cristã e também para mostrar que esta será superior a todas as religiões precedentes. Richard de Fournival elabora o que Albumasar diz no *Introductorium maius* e no *De magnis coniunctionibus*.

⁸ ALANI DE INSULIS, *Anticlaudianus*, Migne, P. L. CCX, 521.

⁹ RICHARD LEMAY, *Abu Ma'shar and Latin Aristotelianism in the Twelfth Century*, Beirut, 1962.

¹⁰ P. KLOPSCH, *Pseudo-Ovidius De Vetula. Untersuchungen und Text*, E.J. Brill Leiden, 1967; D.M. Robathan, *The Pseudo-Ovidius De Vetula*, A.M. Hakkert, Amsterdam, 1968.

Citando o *De Vetula* vemos esta apologética cristã, baseada na astrologia conhecida através da obra de Albumasar, ser aproveitada, entre outros, por Rogério Bacon, pelo discutido autor do *Speculum Astronomiae*, por Jean Quidort ou Jean de Paris no *De adventu Christi*, etc.

Temos, assim, a astrologia – combatida pela Patrística – transformada em apologética cristã, mercê da utilização e adaptação feita por Richard de Fournival, no *De Vetula*, das obras de Albumasar.

Directamente no *Introductorium maius* já outros autores se haviam inspirado para fazerem anunciar pelos astros o nascimento virginal de Cristo. Num manuscrito do Vaticano, o Padre Chenu encontrou uma espécie de recolha de “exemplos” para a pregação, em que se lê: “Narrat Albumasar, astronomorum peritissimus, notabilem figuram [...] de constellatione virginis [...] per quod clare describitur virgo mater Christi”.

Num sermão pregado em Claraval aos seus monges, em um dia 8 de Setembro, festa da Natividade de Nossa Senhora, Garnier de Rocheford, nos fins do século XII, citava o poeta “cuius nomen est Albumazar, ita dicens: Orietur sub decano virginis mater Virgo, lactatque patrem, et eidem solio assidet vir eam non attingens”¹¹.

Cesário de Heisterbach, que morreu em 1240, no *Dialogus Miraculorum* ou *Liber exemplorum ad usum praedicantium*, fala nas conjunções astrais como fonte ou origem do nascimento de religiões. E encontrou no *Introductorium maius* a alusão a uma Virgem com um menino que ela alimenta. O próprio Albumasar diz que os cristãos chamam a este menino pelo nome de Jesus. Cesário comenta: eis um pagão que viu nos céus a aparição de uma virgem e o anúncio da religião cristã.

Salientemos que, enquanto as traduções das duas obras de Albumasar e o poema *De Vetula* circularam entre os meios eruditos, a obra de Cesário de Heisterbach, livro de exemplos para serem utilizados na pregação, difundiu entre o povo esta ideia do anúncio do Cristianismo através da observação dos astros.

Um texto português de fins do século XIV ou princípios do século XV, o Livro da *Corte Enperial*, constitui uma apologia em língua vernácula da religião

¹¹ M.-D. CHENU, “Astrologia Praedicabilis”, em *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, XXXI (1964), pp. 61-65.

cristã, contra Judeus, Muçulmanos e Gentios. Tem a forma de diálogo travado pela Igreja militante com aqueles adversários, na presença do Celestial Imperador, Jesus Cristo.

O anónimo autor deste tratado, de que existia um códice na livraria do Rei D. Duarte e do qual subsiste um único apógrafo na Biblioteca Municipal do Porto, para onde foi levado de Santa Cruz de Coimbra, só tem originalidade literária. De facto, não possui originalidade doutrinal, visto que é constituído quase inteiramente por textos de Nicolau de Lyra e de Raimundo Lulo. Traduzidos para português, coloca-os na boca da Rainha Católica em resposta aos opositores, como igualmente faz quanto aos versos do *De Vetula* referentes à astrologia anunciadora da religião cristã:

Ante a ley da lũa dise o poeta Ovidio sera a ley do pplaneta mercurio quando o planeta jupiter que significa ffe e rreligiom fezer ajuntamento e conjunçom com a planeta mercurio que esta ante da lũa. E por que o planeta mercurio ha muitos rrevoluimentos per muitas magneiras e muitos tornamentos porem aquela ley sera cara de creer sobre todalas leis e avera muitas gravezas e muyto peso e muito trabalho e enssynara muitas cousas contrairas aa natureza que tam solamente seram rreçebidas per fe¹².

O teólogo franciscano Frei André do Prado, a pedido do Infante D. Henrique, escreveu cerca de 1450 um tratado em forma de diálogo, no qual o autor responde a questões que aquele lhe coloca, propiciando-lhe assim uma exposição dos artigos do Símbolo dos Apóstolos. É o *Horologium Fidei*, conservado em um códice da Biblioteca Vaticana (Vat. Lat. 1068), recentemente publicado, com tradução portuguesa a par da transcrição do original latino, pelo Prof. Aires Nascimento¹³.

Logo no segundo capítulo do Proémio afirma que nada mais se propõe dizer do que aquilo que julga ser doutrina dos santos, “nil aliud dicerce propone quam quod sancti affirmare uidentur”¹⁴. Todavia, adiante, apela para Ptolomeu no *Quadripartitus* e Albumasar no *Introductorium maius in astronomiam*, que

¹² Cf. J. M. DA CRUZ PONTES, *Estudo para uma Edição Crítica do Livro da Corte Enperial*, Universidade de Coimbra, 1957, p. 434.

¹³ ANDRÉ DO PRADO, *Horologium Fidei. Diálogo com o Infante D. Henrique*. Edição do ms. Vat. lat. 1068, tradução, introdução e notas por Aires A. Nascimento. Imprensa Nacional-Casa da Moeda [1994].

¹⁴ *Ibid.*, p. 34.

dizem que a esfera das estrelas fixas tem de mover a terra por causa das múltiplas figuras das coisas que nascem e desaparecem na terra, “dicit Tholomeus in *quatupartito* et Albumasar in *introductorio* suo, quod stellarum et corruptibilium que sunt in terra”¹⁵.

No capítulo em que se ocupa de Jesus Cristo, Filho unigénito de Deus, tomando o *De Vetula* como obra de Ovídio e desconhecendo que nela se utilizam as concepções astrológicas de Albumazar, invoca o terceiro livro do poema, que deixa muitas coisas sobre o Deus uno e diz que alguns filósofos admitiram a Trindade e que ele próprio deixa muitos elementos sobre a encarnação do Verbo e sobre a Virgem, embora tenha morrido cerca de quarenta anos antes da vinda de Cristo, “Item Ouidius in *tercio libro de uetula uel de mutacione uite* multa ponit de uno deo et dicit quod aliqui philosophi posuerunt trinitatem et ipse multa ponit de incarnatione uerbi et de uirgine, licet per 40 annos mortuus fuerit ante aduentum Christi”¹⁶.

Da astrologia, suspeita e rejeitada pela Patrística, passamos assim, com o contributo da astrologia árabe de Albumasar e da sua reelaboração em apologética cristã, para aquilo que o P. Chenu deu como título ao artigo sobre o sermão de Garnier de Rocheford – *Astrologia praedicabilis*.

Os Humanitas, de Pedro d’Ailly a Pico della Mirandola, refutarão a validade da astrologia. Também em Portugal o tratado *Contra o juizo dos astrólogos*, de Frei António de Beja, impresso em Lisboa por mandado da Rainha D. Leonor em 1523, dependente largamente das *Disputationes aduersus astrologiam diuinatricem* do Mirandolano, repercute as controvérsias suscitadas em Itália¹⁷.

¹⁵ *Ibid.*, p. 158.

¹⁶ *Ibid.*, p. 222

¹⁷ Desta obra somente se conhece um exemplar, que pertenceu ao escritor e bibliógrafo Fernando Palha e foi adquirido pela secção portuguesa da Harvard College Library. Joaquim de Carvalho fez dela uma reedição prefaciada e anotada, que publicou no *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XVI, 1944, de que fez uma separata de 200 exemplares. O Prefácio e a Nota final foram incluídos nos seus *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XVI*, I, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1947, pp. 185-212. Encontram-se na sua *Obra Completa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, II, [1982], pp. 385-403. Ver J. V. de Pina Martins, “Frei António de Beja contra a Astrologia Judiciária” em *As Grandes Polémicas Portuguesas*, I, Lisboa, 1963, pp. 85-128.